

A "BRUXA" DO VALE.

RUTH GUIMARÃES E CACHOEIRA PAULISTA.

Nasceu em Cachoeira e está integrada em sua cultura e paisagem como os artesãos que ama, como o Rio Paraíba e a Serra da Mantiqueira.

Aos três anos foi para uma fazenda no Sul de Minas - Fazenda Campestre - ao pé da Serra de São João, completamente isolada, onde ficou até os 9 anos de idade".⁷¹

Aos 10 anos escrevia versinhos publicados nos jornais de Cachoeira. Viveu com os avós, depois de perder os pais, aos 12 anos. Aos 18, estava em S. Paulo batalhando a vida.

Nas horas vagas de seus modestos empregos "escrevia sem descanso, exercitando-se com tenacidade e paixão no seu aprendizado de escritora."⁷²

Folclorista de primeira água, criou o Museu de Folclore Valdomiro Silveira e incentivou o intercâmbio de exposições e eventos, levando o Vale para a capital e trazendo S. Paulo para o Vale.

Como integrante da Comissão de Folclore da Secretaria de Cultura de S. Paulo levou grupos autênticos do folclore valeparaibano para apresentações na Praça da República, no Paçaembu, no Teatro Zampari, na TV Cultura, Tupi e Record e outros locais.

Recebi uma informação preciosa, sem indicação de Autor, que resume essas atividades e que aqui transcrevo para que fiquem registradas:

Na Capital estiveram Os Velhinhos Transviados, de Cachoeira Paulista, Joaquim Chorão e Mariinha, dupla sertaneja que ainda atua

⁷¹ ⁷² Orelha da ed. de Água Funda, Livraria do Globo, Porto Alegre, s/d..

rádio de Cruzeiro, as congadas de Cruzeiro, Lorena, Guaratinguetá, Taubaté e São José dos Campos, Jambéiro, Quiririm, Caçapava, Jacareí. Em conjunto com o SESC da rua Dr. Vilanova, um dos mais completos de São Paulo, estruturou uma exposição de cinco pavimentos, sendo o primeiro somente de artesanato folclórico em barro, com ceramistas e figureiros, de São José dos Campos, Taubaté, Pindamonhangaba e Aparecida. No segundo trabalharam os seleiros de Natividade da Serra, Redenção, São Luís de Paraibuna, apresentando tapetes de couro curtido, selas, arreios, cabrestos, chicotes, almofadas, bancos, borjacas, chapéus, calçados feitos a mão. No terceiro, a madeira, com esculturas de Cruzeiro, santos, bandejas, tamboretas, quadros, mobília rústica, bengalas. No quarto, os metais, as gaiolas de arame, os trançados com as sinetas de cobre, painéis artesanais de ferro fundido. No quinto, os fios e as pinturas. Esteiras, trançados, jóias e balangandãs, de sementes, frutos, cascas. Apresentaram-se artistas como Demetrius e como Justino. João Tartaruga de São Luís do Paraitinga, com seus trabalhos: presépios em cuias e seus livretos de trovas e modinhas. A exposição durou quarenta e cinco dias. O SESC forneceu o almoço para os expositores, a Secretaria da Cultura bancou as despesas de transporte e os lanches, e mais o alojamento. Em câmbio dessas viagens e apresentações na Capital, trouxe de lá a orquestra sinfônica, sob a regência de grandes maestros, três vezes. Trouxe o balé chinês, ^Lanni Yang; o violoncelista, Carlos La Felice; conjuntos de cordas, quartetos, Inezita Barroso, Eli Camargo, a Catira Ás de Ouro.

A sua atividade se exercia em duas ^{frontes:} frentes: por um lado a pesquisa folclórica, reunião e apresentação de danças dramáticas, exposições e cursos. Por outro lado, a criação de grupos de teatro, oficinas e espetáculos com grupos de amadores, aproveitando a técnica aprendida na Escola de Arte Dramática, de São Paulo, a simpática e popular EAD.

Como escritora, seu romance Água Funda, editado pela Livraria do Globo, foi um marco na ficção valeparaibana em 1946 e mereceu o respeito de críticos, embora fosse livro de estreante.

Em 49, Os filhos do medo levanta o folclore do demônio, no Vale.

"(...) recupera todas as manifestações desse gigante da alma, no dizer de Mira y Lopes. Gnomos, duendes, assombrações, sacis, mulas sem cabeça, diabos e demônios, envolvidos nas mais diversas e arrepiantes situações que o povo se "encarrega de fazer perdurar na memória dos descendentes pelo reconto, pela tradução oral."⁷³

De 1963 a 1972, foi cronista da Folha de S. Paulo, escrevendo sobretudo sobre o Vale e As Crônicas Valeparaibanas, publicadas em 1992, com fotos artísticas de José Botelho, São deliciosas histórias do Vale, escritas num estilo leve e maneiro, que a gente lê "de cabo a rabo", de um fôlego, com o sorriso à socapa, sob o bigode.

Como diz seu filho, Joaquim M. Guimarães Botelho, numa introdução carinhosa, chamando a mãe, Ruth, de "bruxa": "O Vale Paraíba em forma de pepitas":

"Neste registro do cotidiano de alguns lugares do Vale do Paraíba, as leréias dos morros e das serras, o clima dos mercados, o rosto das pessoas, as mãos dos artesãos, os trabalhadores, os lugares e seus ocupantes".⁷⁴

Água funda porém, é romance de grande densidade humana. Diz a epígrafe:

"Estas coisas aconteceram em qualquer tempo e em qualquer parte, o certo é que aconteceram e, como sempre se dá, ninguém aprendeu nada do seu misterioso sentido".

⁷³ Botelho, Joaquim M. Guimarães, "O Vale Paraíba em pepitas", in: Guimarães, Ruth. Cronicas Valeparaibanas, SP, Cered, 1991, p.12.

⁷⁴ Botelho, Joaquim M. Guimarães. art. cit. p. 13.

A história de Sinhazinha Carolina "de uma lindeza de encher os olhos", viúva, apaixonou-se por um moço de vinte anos, que lhe roubou tudo.

O moço do Limoeira fugiu com todas as malas, todo o dinheiro da venda da Fazenda, e deixou Sinhá na estação, de Soledade, ter ninguém nem pr'a onde ir. Acabou, desconhecida, no lugar onde fora dona de fazenda e rainha, acabou Velha, perdeu até o nome, chamada Choca, Choquinha, pela sua mania de ficar sempre de cocóras e não fazer nada direito, vivendo de pedir esmolas, até em versos.

Todas as personagens de Água funda acabam mal. Caiu uma praga, no lugar. Caiu que nem Fatalidade, que nem Moira ou Destino em tragédia grega, interpretada à moda brasileira. Presidente a Moira, a Mãe de Ouro, que mora do outro lado da serra.

"Se aconteceu, é porque era bom que acontecesse".⁷⁵

Até o Bugre, acostumado com picada de cobra, morreu de mordida de urutu preto, "mandado", segundo Seu Pedro. "O Santana morreu matado". O Antonio Olímpio matou a mulher que amava, por ciúme e acabou na cadeia. O Luis Rosa terminou bêbedo de cair. O

Pais encrencou com o patrão e foi embora com u'a mão adiante, outra atrás." O Beliano sofreu o desastre na usina. O Joca ficou louco, virou andante. E Curiango, sua linda mulher, sem marido, não era mulher pr'a ficar sozinha.

"Tudo no diacho dessa mulher faz a gente se lembrar de correnteza. Tem o andar bamboleado e macio de veio d'água. Tem uma risada de passarinho nascido perto de Cachoeira. E o lustro daqueles olhos pretos é ver lustro de jaboticaba bem madura, molhada de chuva".⁷⁶

Água funda, fundura de destinos humanos, entretecidos como "rede de armas", apontando todos para a mesma direção: a praga.

Apareceu no lugar um homem de fora, induzindo o pessoal a ir para o sertão. Alertados por um que já tinha ido e sabia o que era serviço de escravidão, alguns pegaram o pobre do homem e

o jogaram no banheiro, cheio de remédio de matar carrapato.

O homem com o "corpo lanhado, queimado, já se abrindo em fendas, brotando sangue e escorrendo água suja", ajoelhou no chão e chorando, amaldiçoou o povoado. Amaldiçoou pr'a valer. A praga caiu. Quando tudo ia correndo bem "as coisas pegaram a desandar.". 77

Todos perderam tudo.

"A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada.

E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância.

Água vem, água vai, fica tudo no mesmo outra vez". 78

77 Guimarães, Ruth, o.c., p. 110.

78 ibidem, p. 52.

CONT



Carvalho Neto: documentos inéditos da escravidão

Texto: Marlon Rios

Erguendo o vé do preconceito

RACA PA

Goiânia, 22 de novembro de 1986

Foto de
Rosary
Esteves,
exposta
na Semana
Zumbi

Romero Fonseca

du
co



r Luís Gama, também lembrado pela
sora. Além do poeta dos escravos e
ar modernista, Ruth revela também a
agem de Machado de Assis e dos
os Floriano Peixoto e Rodrigues Al-

h Guimarães, além de escritora de
e folclorista, foi repórter da revista
ete, é autora de um Dicionário de
gia Grega adotado pela Universidade
o Paulo e de um trabalho sobre
ologia que foi publicado no livro
lhos das trevas", tendo merecido um
e na Enciclopédia da Bibliothèque de
iade, da França. Na sua militância
diretos do negro e das minorias, a
sora tem debatido com a comunidade
nica brasileira o papel do negro no
e e sua apreciação ou depreciação na
gem oral e escrita do povo brasileiro.



a sua opinião, o homem de cor sem-
oi discriminado, apesar de achar que
rasil não existe racismo e sim precon-
em relação ao aspecto estético e
ômico. Ruth acredita que o brasileiros
se adaptado à convivência com negro
lo à própria miscigenação. Ela vê com
olhos a eleição de uma negra como



miss Brasil, e também a maior participação
de manequins de cor nas passarelas da
moda. Por outro lado Ruth acha que o
número de negros bem sucedidos é pe-
queno, comparado com a grande maioria
dos marginalizados que fazem parte da
camada considerada periculosa pela so-
ciedade brasileira. Sobre o que o negro
pode esperar da nova Constituição, Ruth
diz que "no mínimo esperamos que seja
feita de maneira que não discrimine o
negro e as minorias, que no Brasil de hoje
está difícil de dizer se são verdadeiramente
minorias".

TESOURO HISTÓRICO

A III Semana Zumbi contou ainda com
a participação do professor Paulo de Car-
valho Neto, que revelou documentos des-
conhecidos dos pesquisadores e historia-
dores brasileiros. Trata-se de papéis da-
tados dos séculos XVIII e XIX, em especial
577 páginas manuscritas que trazem de-
talhes sobre aluguel de escravos, leilão, as-
relações sexuais entre senhores
escravos, e outros papéis legais da época.
Esta coleção foi amealhada no interior de
Minas Gerais, em 1948, quando Paulo de
Carvalho, num trabalho de pesquisa de



Romero Fonseca

Ruth Guimarães: denunciando o racismo
na literatura

campo, como assistente catedrático em cul-
tura afro-brasileira, Arthur Ramos, des-
cobriu e adquiriu tais documentos na
localidade de Serro, antiga Vila do Prin-
cipe.

Dessa época até 1967, o africanista clas-
sificou as 577 páginas manuscritas, que
pertenceram primeiramente ao barão de
Diamantina, e então tentou publicá-las
através do Serviço de Documentação His-
tórica do Ministério das Relações Exte-
riores, que nem sequer respondeu ao ofício
enviado. Numa segunda tentativa, Paulo de
Carvalho foi procurado pelo diretor da
Revista de História, Eurípedes Simões de
Paula, mas o clima fechado da ditadura
militar novamente fez encalhar o
projeto. Desde então esta coleção vem
dando voltas ao mundo, sempre com o
professor. Agora na oportunidade de par-
ticipar da Semana Zumbi, Paulo de Car-
valho encontrou o interesse e apoio do
reitor da UCG, Pedro Wilson Guimarães
que se dispôs a publicá-los no ano que vem,
através da editora da Instituição.

O grande interesse dos africanistas pela
história do negro no Brasil começou quan-
do na edição de "O Folclore Negro no
Brasil" de 1935, o pesquisador Artur
Ramos, considerado uma das maiores
autoridades sobre a história africana no
Novo Mundo, lançou um dos mais dis-
cutidos depoimentos sobre a cultura e a
história da raça africana no Brasil. Segun-
do ele, o abolicionismo é o maior respon-
sável pela nossa ignorância a respeito dos
problemas negros, por ter ordenado a des-
truição dos arquivos sobre o assunto. Em
consequência, só escaparam à fogueira
poucas fontes sobre o tráfico. Os nossos
historiadores afrontam estas dificuldades,
razão pela qual seus estudos são às vezes
imaginários. Desde então africanistas do
mundo inteiro têm tomado a sério estas
afirmações, e como resultado de tais
denúncias houve uma revalorização de todo
e qualquer documento afro-brasileiro,
achado ou por achar. A procura por do-
cumentos desta natureza tem sido uma ver-
dadeira febre, transformando as coleções
inéditas em verdadeiros tesouros.

Semana Zumbi debate a cultura e a história negras e critica o racismo velado brasileiro



Zumbi dos Palmares

Tido no senso popular como um símbolo do intelectual brasileiro (ou do que se entende vulgarmente por isso), Rui Barbosa foi responsável por um dos maiores crimes culturais já praticados no País, ao ordenar a destruição dos documentos que registravam o dia-a-dia da escravidão no País. O "Águia de Haia" possivelmente agiu de boa fé, ao procurar, no seu entender, apagar uma mancha da história brasileira. Mas militantes e estudiosos do problema negro estão convictos de que, para mudar uma situação na qual quase cem anos após a

abolição formal da escravidão, os negros ainda se debatem sob a marginalização social e econômica e um racismo dissimulado. É necessário fazer exatamente o contrário do que fez o jurista baiano. O primeiro passo é colocar o dedo na ferida, esmiuçar e descobrir o véu da omissão que é justamente o maior responsável pela perpetuação desse problema.

Foi esse o espírito do evento realizado esta semana pela terceira vez, dentro da programação do 27º aniversário da Universidade Católica, a III Semana Zumbi, que teve seu encerramento e ponto máximo na quinta-feira, 20 de novembro, dia da morte do guerrilheiro negro Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares e oficializado como Dia Nacional da Consciência Negra. Foi realizada uma passeata que saiu da Praça Universitária e seguiu até a Biblioteca Central, onde foi inaugurado o monumento em homenagem a Zumbi, escrito



escrito
profes
do lid
mestiç
polític
ves.

Rui
ficção
Manch
Mitolo
de São
demon
"Os fil
verbete
la Pléi
pelos d
profess
acadêm
folclore
linguag

tribuído um manifesto contra a discriminação racial e apresentados grupos afro-brasileiros religiosos e folclóricos, com danças e rituais como o candoblé, umbanda, congada e capoeira numa demonstração coletiva do Movimento Negro Unificado.

Nos dias anteriores a III Semana Zumbi trouxe uma luz sobre a situação do negro na sociedade brasileira, através de conferências e debates com alguns dos maiores mestres da temática afro-brasileira como os professores Paulo de Carvalho, Atico Villas-Boas e Ruth Guimarães. Também uma exposição fotográfica na Biblioteca da UCG, ilustrou as conferências com trabalhos realizados pelos fotógrafos Luís Eduardo e Rosary Esteves.

Os conferencistas enfocaram a presença do negro na literatura brasileira sobre enfoques variados como cordel, literatura oral e oficial e a apresentação pelo Professor Paulo de Carvalho de documentos inéditos sobre a história do negro nos séculos XVIII e XIX.

NEGROS NA LITERATURA

O professor Atico falou do negro na literatura de cordel e os diversos tratamentos que esses livretos dão à sua relação com a classe dominante de Pernambuco, e a diferença entre o negro da zona da mata e o negro do sertão pernambucano, a conferencista Ruth Guimarães expôs os temas do homem de cor na literatura oficial e na oral. A professora paulista relata a participação do negro na vida literária brasileira ora como escritor, ora como ser observado.

Segundo ela, no primeiro caso essa atuação foi significativa em gênero e número e grau, com nomes como os de Castro Alves, Machado de Assis, passando pelo modernista Mário de Andrade que também possuía sangue africano. Em especial Ruth Guimarães destaca a vida do poeta Cruz e Souza e sua via crucis pelo mundo literário, sendo, na sua época, discriminado e estigmatizado dentro do meio literário, segregação também sofrida pelo

Na su
pre foi d
no Brasil
ceito em
econômico
têm se ad
devido à
bons olho





RUTE BOTEELHO GUIMARÃES ASSINANDO, NO ESCRITÓRIO DA LIVRARIA DO GLOBO, EM SÃO PAULO, O SEU CONTRATO.

A Descoberta de uma Romancista

OS LITERATOS DA DROGARIA — O ENTUSIASMO DE AMADEU DE QUEIROZ E A OPINIÃO DE JORGE AMADO — UM ROMANCE NO CRIVO — BIOGRAFIA DESINTERESSANTE POR CULPA DE WILDE — A APRESENTAÇÃO DE UM LIVRO, "ÁGUA FUNDA", E DE SUA AUTORA, RUTE BOTEELHO GUIMARÃES

Reportagem de FERNANDO GÓES — São Paulo

MUITO já se tem escrito e falado, aqui em S. Paulo, de uma certa rodinha de escritores que se reunia ao acaso, mas todos os dias, aí por volta do meio dia e meia, uma hora, na Drogaria Baruel. Certamente que é estranho um grupo de intelectuais se reunir numa farmácia e não numa livraria, justo em uma cidade como S. Paulo, onde os livreiros ostentam (é bem esse o termo), ostentam lojas da mais ultra grã-finagem — poltronas com molas de ação-de-joelhos, jornais do dia, calezinhos de meia em meia hora, etc. Mas a razão dos srs. Mário da Silva Brito, Edgard Cavalheiro, Jaime Paccini Coeli, Paulo César da Silva, Joaquim Maciel Filho e outros, como aquele camarada que está ficando célebre com um livro que ainda não escre-

veu, que imagina diariamente um conto e que tem em preparo os 15 volumes com os quais fará a sua estréia — as "obras completas", a razão de toda essa gente aparecer quase que diariamente naquela farmácia, é bem simples e compreensível. O manipulador-chefe das drogas daquela importante firma é, nada menos nada mais que o "velho" Amadeu, ou "seu" Amadeu, ou, mais completamente, Amadeu de Queiroz, o romancista de "João", de "A voz da terra", de "O quarteirão do meio", que os leitores da REVISTA DO GLOBO já conhecem. Pois bem, nesse grupo só de homens surgiu um dia uma mulher, moça de seus 24, 25 anos. Passou a integrar a roda, a conversar, como todos, de livros, de autores, de política, e um dia ou-

viu do "velho" Amadeu a recriminação que ele sempre fazia aos outros:

— "Vocês, os moços de hoje, não têm gosto para escrever, são preguiçosos, não produzem nada, passam a vida organizando planos, e ficam nisso."

E contou como é que ele, homem de 72 anos, escrevia diariamente duas horas, depois dos seus afazeres na farmácia, e estava terminando um novo romance.

A moça disse que ele não tinha razão, que a geração à qual pertencia não era assim tão possuída da vontade de não fazer nada. O romancista de "A voz da terra", que é mineiro, teimou, insistiu no seu ponto de vista. A moça quis dizer qualquer coisa mais fortezinha na defesa.

Continua na Pág. Seg.

A "bruxa" de Cachoeira Paulista

Olga de Sá

Foi o filho quem assim, carinhosamente, a chamou. Tomo-lhe emprestada a expressão, porque gosto de "bruxas" e, sobretudo, de "bruxas" boas, que andem espalhando benemerências.

Ruth Guimarães, além de uma bruxa bondosa, é também, "milagreira".

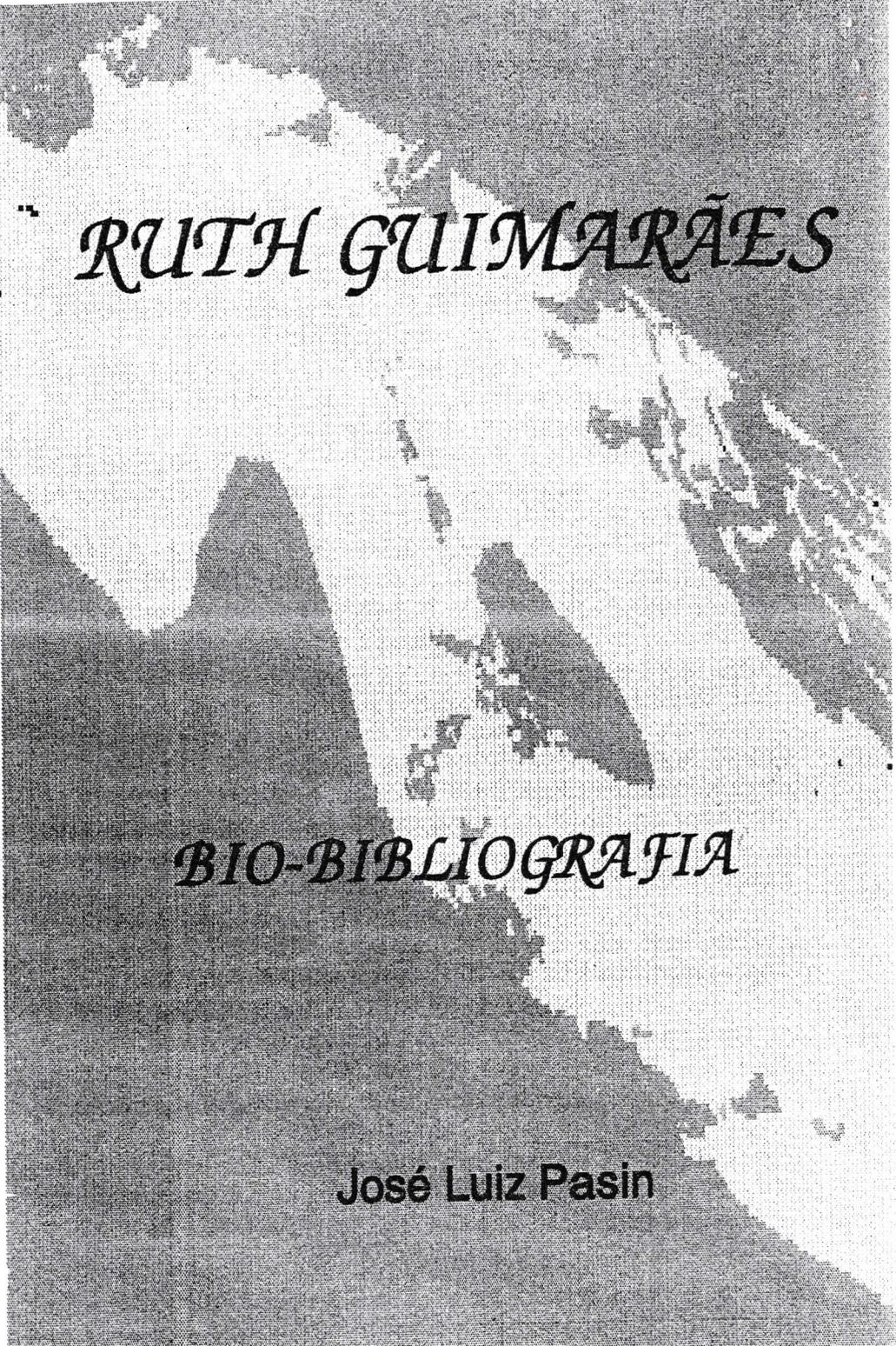
No contexto de sua vida, que aí está esboçada pelo amigo comum José Luiz Pasin, traduzir de Apuleio a Balzac e Dostoiévski, não é tarefa que se possa desconhecer. Lançar o 1º livro sobre demonologia no Vale do Paraíba (*Filhos do medo*) e uma obra como *Água Funda*, que tem uma "fundura" de linguagem, sentida e reconhecida até por Guimarães Rosa, só pode ser mesmo ignorado pelas Editoras brasileiras, que de livro entendem pouco.

Acabou-se a era daqueles livreiros maravilhosos, tipo José Olympio, que tinham um olfato especializado em descobrir e editar os novos e valiosos autores brasileiros. *Água Funda* e os *Filhos do Medo* tiveram uma única edição e são obras raras nas bibliotecas do país!

Grande Ruth! Desprendida, como lhe ensinou a modéstia, sua madrinha, não tem em casa nem mesmo seus próprios livros. Foi árdua tarefa para José Luiz rastrear suas edições. E assim mesmo o jeito foi deixar sair uma bibliografia incompleta, pedindo a amigos, que ajudem a completá-la. Ter amigos é isso aí. E Ruth os tem às mãos-cheias.

Seus livros inéditos também estão encontrando, na Gráfica Santa Teresa, um caminho para fugirem às gavetas do sítio de Cachoeira Paulista. É mesmo "correr atrás", depressa, porque senão essas preciosidades podem até desaparecer, como as outras já editadas.

Ave, Ruth! Nós saudamos em Você, além da escritora, a Mãe Coragem, Mulher de garra, cuja vida e obra educativa, no Vale do Paraíba, são um signo gritante de quanto pode uma pessoa, que luta contra condições adversas; e vence-as, supera-as, com aquele arzinho de quem não quer nada, "bruxa" mesmo, transformando sapos e venenos de cobra, num caldo de cultura e amor, que bebemos na concha de suas mãos.



RUTH GUIMARÃES

BIO-BIBLIOGRAFIA

José Luiz Pasin

RUTH GUIMARÃES: BIO-BIBLIOGRAFIA

JOSÉ LUIZ PASIN

Ruth Guimarães Botelho nasceu em Cachoeira Paulista, no dia 13 de junho de 1920, em sítio de seu avô materno, o português José Botelho, guarda-chaves da Estrada de Ferro Central do Brasil, na rua do Aterro, atual Carlos Pinto, situado entre as barrancas do rio Paraíba e os trilhos da estrada de ferro. Filha de Cristino Guimarães e de Maria Botelho. Aos três anos de idade foi morar em uma fazenda no sul de Minas Gerais - a Fazenda Campestre, na localidade de Pedra Branca, atual município de Delfim Moreira, ao pé da serra de São João. Fez o curso primário no Grupo Escolar Dr. Evangelista Rodrigues, em Cachoeira Paulista e o magistério na Escola Normal Patrocínio São José, em Lorena. Mudando-se para São Paulo, freqüentou a Escola Normal Padre Anchieta e concluiu seus estudos na Escola Normal de Guaratinguetá. Aos dez anos de idade, residindo com os avós maternos, em Cachoeira Paulista, publicou seus primeiros versos nos jornais locais "A Região" e "A notícia". Retornando a São Paulo, em 1938, ingressou no Curso de Letras Clássicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde foi aluna de Silveira Bueno, Antonio Soares Amora, Fidelino de Figueiredo, Roger Bastide e outros mestres de renome internacional. Freqüentou a Escola de Arte Dramática, de Alfredo Mesquita. Foi aluna e discípula de Mário de Andrade, que a iniciou nos estudos de folclore e literatura popular. Trabalhou para diversas editoras como revisora e tradutora e escreveu crônicas, artigos e crítica literária para jornais e revistas de São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa: **Correio Paulistano**, **a Gazeta**, **Diário de São Paulo**, **Folha da Manhã**, publicando contos no **Suplemento Literário** do jornal "**O Estado de São Paulo**" e **crônicas semanais** para o jornal "**Folha de São Paulo**". Repórter das revistas **Noite ilustrada**, **Carioca**, **Globo**, **Semana Ilustrada**, **Senhora**, **Quatro Rodas**, **Realidade**, **Atualidades Literárias** e **Revista Lusitana** (Portugal). Em 1946, lançou pela Editora da Livraria Globo seu primeiro livro **Água Funda**, romance que retrata o universo rural e caipira do Vale do Paraíba paulista e mineiro, nas vertentes da serra da Mantiqueira, sucesso de público e de crítica.

Seu segundo livro **Filhos do Medo**, ampla pesquisa folclórica sobre o diabo e todas as manifestações demoníacas no

imaginário do homem valeparaibano, valeu-lhe um verbete na "**Enciclopedie Française de la Pleiade**" sendo Ruth Guimarães a única escritora latino-americana a receber esta distinção. Lecionou em colégios e faculdades: francês na Aliança Francesa de São Paulo, grego na Universidade de Taubaté, Folclore na Faculdade de Música Santa Cecília de Pindamonhangaba, Psicologia da Arte e Literatura Latina nas Faculdades Integradas "Teresa D'Ávila em Lorena, Literatura Brasileira e Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cruzeiro. Há trinta anos vem pesquisando as ervas e raízes medicinais, preparando uma enciclopédia em doze volumes sobre medicina natural, a ser lançada pela Edart Editora. Fundou a Academia Cachoeirense de Letras, o Museu de Folclore Valdomiro Silveira e a Guarda Mirim de Cachoeira Paulista. Participou ativamente do 1º Congresso Brasileiro de Folclore, da Sociedade Paulista de Escritores, do Centro de Pesquisas Folclóricas "Mário de Andrade", da Comissão Estadual de Folclore, dos Festivais de Folclore de Olímpia, sendo membro do Instituto de Estudos Valeparaibanos e da União Brasileira de Escritores. Em 1989, recebeu do Instituto de Estudos Valeparaibanos, o Prêmio Cultural "Eugênia Sereno". Além de mais de quarenta livros publicados, incluindo, biografias, antologias e traduções do latim, do espanhol, do francês e do italiano, Ruth Guimarães participou da montagem da peça "Romaria", dirigida por Miroel Silveira, com músicas de Almir Sater e Renato Teixeira. O grupo de Teatro do SESC de São Paulo encenou a peça de sua autoria "A Pensão de Dona Branca". Reside atualmente em Cachoeira Paulista, no sítio herdado de seu avô materno, onde cuida das suas plantas, cachorros, galinhas e patos, pesquisa e escreve seus livros, contos e crônicas, recebe os amigos, alunos e admiradores para a prosa gostosa e hospitaleira. Terminou a mais completa pesquisa sobre Pedro Malazartes, o herói mitológico popular e está escrevendo um novo romance intitulado **O livro da Bruxa**. Casada com seu primo, o fotógrafo e jornalista José Botelho Neto, amigo e companheiro de jornadas e pesquisas, tiveram nove filhos: Marta, Rubem, Antônio José, Joaquim Maria, Judá, Marcos, Rovana, Olavo e Júnia: poetas, jornalistas, professores. Segundo seu filho Joaquim Maria Guimarães Botelho "Ruth Guimarães vive dizendo que quer arranjar tempo para se dedicar à bruxaria... Ruth vive sem tempo, mas já é uma bruxa - a bruxa boa que o folclore valeparaibano representa nas suas histórias como a simpática velhinha que ensina o caminho às perdidas, que destrói com

artimanhas geniais os monstros para deixar passar os príncipes que vão, por sua vez, salvar as princesas transformadas em rãs e as donzelas amaldiçoadas pelas feiticeiras malvadas. É assim que Ruth quer continuar vivendo neste Vale do Paraíba que ela conta e reconta nos seus escritos deliciosos, pesquisados com o carinho de quem garimpa brilhantes. Na sua calma de cachoeirense, Ruth vem abrindo a alma, há 76 anos, para ser o relicário vivo das informações e da cultura valeparaibanas..."

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

- **Água Funda** - Porto Alegre, Edição da Livraria do Globo, 1946.
- **Os Filhos do medo** - Porto Alegre, Editora Globo, 1950.
- **Mulheres Célebres** - São Paulo, Editora Cultrix, 1960.
- **As Mães na Lenda e Na História** - São Paulo, Editora Cultrix, 1960.
- **Líderes Religiosos** - São Paulo, Editora Cultrix, 1961.
- **Lendas e Fábulas do Brasil** - São Paulo, Editora Cultrix, 1972.
- **Dicionário da Mitologia Grega** - São Paulo, Editora Cultrix, 1972.
- **O Mundo Caboclo de Valdomiro Silveira** - Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora/ Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo/ Instituto Nacional do Livro, 1974.
- **Grandes Enigmas da História** - São Paulo, Editora Cultrix, 1975.
- **Medicina Mágica: As simpatias** - São Paulo, Global Editora, 1986.
- **Lendas e Fábulas do Brasil** - São Paulo, Círculo do Livro, 1989.
- **Crônicas Valeparaibanas** - São Paulo, Centro Educacional Objetivo/Fundação Nacional do Tropeirismo, 1992.
- **Contos de Cidadezinha** - Lorena, Centro Cultural "Teresa D'Ávila", 1996.
- **Vestuário** - São Paulo, Donato Editora Ltda. , Volume III, s.d.

- "Esta é a segunda carta que lhe escrevo" in "**Cartas a Mário de Andrade**" Organização Fábio Lucas, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993.
- **Os Castiçais de Santo Antonio** - sem identificação bibliográfica.
- **Histórias do Vale do Sol** - idem.

TEATRO

- **A Pensão de Dona Branca** - sem identificação bibliográfica.
- **Romaria** - idem.

TRADUÇÕES

- **Histórias Fascinantes**, de Honoré de Balzac: seleção, tradução e prefácio - São Paulo, Editora Cultrix, 1960.
- **Os Mais Brilhantes Contos de Dostoievski**, de Feodor Mikhailovitch Dostoievski: introdução, seleção e tradução. Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1966.
- **Contos de Dostoievski**: introdução, seleção e tradução. São Paulo, Editora Cultrix, 1985.
- **Contos de Alphonse Daudet**: seleção e prefácio. Tradução: Ruth Guimarães e Rolando Roque da Silva. São Paulo, Editora Cultrix, 1986.
- **Contos de Balzac**: seleção, tradução e prefácio. São Paulo, Editora Cultrix, 1986.
- **Os Melhores Contos de Alphonse Daudet**: seleção e prefácio. Tradução: Ruth Guimarães e Rolando Roque da Silva. São Paulo, Círculo do Livro, 1987.
- **Os Melhores Contos de F. Dostoievski**: tradução, seleção e introdução. São Paulo, Círculo do Livro, 1987.
- **Os Melhores Contos de Balzac**: seleção, tradução e prefácio. São Paulo, Círculo do livro, 1988.
- **A Mulher Abandonada e outros contos de Balzac**: seleção, tradução e prefácio. Rio de Janeiro, Ediouro, 1992.

- **Histórias Fascinantes:** de Honoré de Balzac: seleção, tradução e prefácio sem identificação bibliográfica.
- **Histórias Dramáticas,** de F. Dostoiévski: seleção, tradução e prefácio sem identificação bibliográfica.
- **O Asno de Ouro,** de Apuleio - sem identificação bibliográfica.
- **A Dama das Camélias,** de Alexandre Dumas Filho, idem.
- **A Corrente,** de Clara Cartas, idem.

LIVROS INÉDITOS

- **Calidoscópio:** A Saga de Pedro Malazartes.
- **Contos Negros.**
- **O Senhor do Mundo.**
- **Contos de Curumim.**

Bibliografia Consultada

- BARBOSA, Avelino Alves "**A vida e a obra da escritora Ruth Guimarães**" in Jornal "Valeparaibano", São José dos Campos, 13.06.1982.
- BOTELHO, Joaquim Maria Guimarães "**Mestre por Vocação**" in Revista "Momento", São José dos Campos, julho, 1985, p. 33.
- BOTELHO, Joaquim Maria Guimarães "**O Vale do Paraíba em forma de pepitas**" in "Crônicas Valeparaibanas" - Ruth Guimarães, São Paulo. Centro Educacional Objetivo/ Fundação Nacional do Tropeirismo, 1992, p. 12-13.
- "**Flashes da vida e obra da escritora Ruth Guimarães**" - Jornal "Valeparaibano", São José dos Campos, 19.10.1980, p. 12.
- GUIMARÃES, Ruth - Água Funda. Porto Alegre. Edição da Livraria do globo, 1946.

- GUIMARÃES, Ruth "Esta é a segunda carta que lhe escrevo" in "**Cartas a Mário de Andrade**". Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1993, p. 59-64. Organização Fábio Lucas.
- PASIN, José Luiz - "**Panorama da Literatura Valeparaibana**". Lorena, Faculdades Integradas "Teresa D'Ávila", 1995.
- SÁ, Olga de - **Escritores do Vale do Paraíba** - Lorena, Faculdades Integradas "Teresa D'Ávila", 1994.
- SODRÉ, Nelson Werneck "**O Velho Vale**" in Jornal "Correio Paulistano" São Paulo, 08 Janeiro.1952.

Arquivos

- Arquivo "**Memória de Guaratinguetá**" - Museu "Frei Galvão", Guaratinguetá.
- Arquivo do Instituto de Estudos Valeparaibanos, Guaratinguetá.

Bibliotecas

- Biblioteca de Assuntos Valeparaibanos - Lorena
- Biblioteca Conde de Moreira Lima - Lorena
- Biblioteca Mário de Andrade - São Paulo
- Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

José Luiz Pasin

O autor é professor de Literatura Regional nas Faculdades Integradas "Teresa D'Ávila" Lorena - SP